

Josefina Ludmer_Tradução Carolina Machado

Aulas 1985

Alguns problemas de teoria literária

Edição e prefácio Annick Louis

Paidós

Buenos Aires – Barcelona – México

Apresentação da matéria Formação da teoria literária

Aula 1

(20/08/1985)

Como a teoria literária deve ser encarada de muitas formas, este seminário não será apenas sobre a exposição destes problemas, mas de certo modo, vai preencher o que pensamos ser certos vazios da formação de vocês. Consideramos que a formação em teoria literária tem que ter uma quantidade de etapas. A primeira delas é o confronto com os textos ou com alguns problemas muito gerais, que corresponderia a uma introdução.

Achamos que a segunda etapa deve ser a história das teorias, o que não é o mesmo que dizer teoria literária. Esta história das teorias literárias, ou história dos conceitos da literatura, é o que, de certa forma, também tentaremos fazer neste seminário porque como não existe a matéria, e como se supõe que haja um vazio em torno disso, vamos tentar apresentar em algumas aulas as teorias que consideramos mais importantes do século XX.

A terceira etapa seria os problemas concretos, específicos, como alguns dos problemas dos quais já falei. Por exemplo, especificidade literária, problemas de interpretação, de sentido, o que é estrutura na literatura, qual é o sistema, etc. Esses são problemas que, para serem tratados ou investigados, supõem um conhecimento de história das teorias. Ou seja, que de certa forma, faremos uma coisa um pouco mista: vamos apresentar os problemas e também informar sobre o que propõem e quais princípios têm as principais teorias do século XX.

Em seguida vou reforçar quais são os objetivos deste seminário, que supõem de nossa parte um conceito específico da teoria literária. O objetivo fundamental é apresentá-los aos problemas da teoria literária a partir de vários ângulos; vocês verão que sempre trataremos os problemas com uma perspectiva múltipla, isto é, uma introdução geral à problemática.

Outro objetivo fundamental para nós é que vocês aprendam a ler teoria: Como e para que lê-la? Ou seja, que sentido tem a teoria literária? Para que serve? Que lugar ocupa? Como podem confrontar um texto teórico, o que precisam para isso e o que têm que perguntar a ele? O que nos importa é, quando estiverem diante de qualquer problema de teoria, saibam orientar-se ou, pelo menos, saibam onde e como buscar os elementos para fazê-lo.

E em terceiro lugar, outro objetivo um pouco mais avançado que seria como entrar nos problemas teóricos, isto é, como podem começar a levantar estes problemas. Vocês sabem que os problemas não são levantados burocraticamente porque é necessário levantá-los, mas sim, surgem de necessidades concretas do trabalho na literatura e de posicionamentos

concretos. O objetivo é que vocês possam descobrir quais são os problemas importantes para vocês, como levantá-los, como buscar alguns posicionamentos e como se orientar na pesquisa destes problemas.

Queremos deixar claro qual é o lugar da teoria no curso, no conjunto da formação em Letras. Consideramos que na área da teoria, na disciplina de Teoria e de tudo que seja pesquisa em teoria, sejam apresentados todos os problemas que de certa forma aparecem levantados em todas as disciplinas do curso, obviamente quando se tratar de literatura. Isto é, a teoria enfoca todos os problemas do autor, da tradição literária, da criação, da história literária, de como constituir um corpus, de que é um texto, de como ler, do que é a literatura, de qual sentido tem a literatura na sociedade, de como dar-lhe um sentido se não o tem, como usar a literatura, etc. De modo que, para nós, esta área da teoria é fundamental e básica no conjunto da formação. Talvez encontrem algum tipo de resposta às suas perguntas que constantemente foram surgindo ao longo do curso e possam ver de forma diferente o conjunto de sua formação. Pode ser que também encontrem um sentido para esta formação, que às vezes, quando não surge a partir da teoria, parece caótica e sem sentido. E poderão, inclusive, o que também é nossa missão, criticá-la e modificá-la.

Queremos deixar bem claro o que é a teoria para nós, como ela se diferencia de outras coisas que às vezes são confundidas com a teoria. Faremos uma espécie de vocabulário básico. Vamos partir de algumas propostas que pensamos.

Para nós, a teoria literária não é neutra, não é uma reflexão científica completamente separada do que podiam ser certos debates ou confrontos filosóficos, políticos, ideológicos, etc. No interior da teoria e a partir da teoria é levantado todo tipo de confrontos, debates e disputas: o campo cultural é um campo de confrontos, polêmicas, estratégias e brigas pela dominação.

Além disso, na literatura há uma luta específica pelo poder de domínio, que é o poder de ler, o poder de interpretar, o poder de dar sentido a algo, por um lado, e por outro lado, o poder de dizer o que é e não é literatura. Queremos esclarecer que na teoria literária estão implicados a sociedade, a política, o poder, a ideologia e as diferentes filosofias que circulam em torno disso. Quando digo "política", não quero dizer política partidária, política concreta, me refiro a uma política específica do campo literário ou a uma política específica da teoria ou da literatura.

A gente acha que muitos modos de ler são confrontados na sociedade. Mais adiante falarei mais concretamente sobre este conceito, o que são *modos de ler?*, que implicam posicionamentos a respeito do sentido, da interpretação, etc. Esses *modos de ler* são formas de ação. A teoria literária viria explicar os fundamentos destes modos de ler, as controvérsias, os debates, e para deixar claro que nestas lutas são debatidos diferentes tipos de poderes, diferentes tipos de confrontos institucionais. Estes modos de ler não são eternos, são históricos, são sociais. Alguém poderia dizer que diferentes grupos em uma sociedade, inclusive diferentes grupos sexuais, geracionais, etc., têm modos diferentes de ler, ainda que talvez, um só modo de pensar a literatura. Porém, queremos esclarecer que esses modos de ler são mutáveis, históricos, são confrontados entre si; e nós apostamos nas alterações dos modos de ler, a descongelá-los, a mudarem em uma sociedade, que sejam lidos de outro jeito,

e portanto, ocorra também, talvez, uma mudança da literatura, porque os modos de ler também produzem literatura.

Em terceiro lugar, para continuar com isso de a teoria literária não ser neutra, defendemos que o conhecimento também não é. O conhecimento em ciências humanas é polêmico e estratégico. Portanto, nossa abordagem da teoria e deste curso será principalmente confrontar as diferentes posições. Não achamos que devemos expor uma escola, mas expor uma tendência, um modo de ler, um modo de interpretar, ou de pensar a literatura tem que ser sempre ligado ao outro modo oposto, que discute com ele, que disputa o lugar dele, etc. O outro é dissimular as lutas. Não temos nenhum interesse em tapar nem dissimular as lutas; nos interessa levá-las a um terreno específico: as lutas serão discutidas no campo literário, as disputas pelas ideologias na literatura, pelos modos de ler, pela interpretação. Isso é um pouco do amparo ideológico do que seria nossa equipe.

Para sintetizar esta primeira parte, seria uma política da crítica, ou seja, uma crítica da crítica a partir do ponto de vista dos confrontos, lutas, posicionamentos, etc. E principalmente uma crítica de como a literatura é usada. Neste sentido, somos abertamente pragmáticos: sempre, diante de uma teoria, diante de uma corrente, diante de um modo de ler, perguntaremos: O que fazem com a literatura? Como e para que vocês a usam? O que é despreendido do que estão dizendo? Que fundamento tem o que vocês dizem, por um lado, e por outro lado, que consequências implicam, sempre no campo da crítica? Estes pontos são nossa base ideológico-teórica.

Começaremos analisando o lugar da teoria literária diferenciado destes outros lugares que comentei com vocês. Primeiro, *o que é teoria em relação com a crítica*. Muita gente confunde teoria e crítica; geralmente acham que criticar é fazer teoria da literatura, que estudar teoria é estudar crítica. Para nós, elas estão claramente diferenciadas. Uma coisa é *a crítica como interpretação, descrição, leitura e avaliação de corpus concretos* — quando digo "corpus concretos" não quer dizer textos—; pegue um texto, um gênero, uma tendência, uma corrente, um autor, sua obra, que também é um corpus concreto. Pode pegar qualquer *objeto* para exercer sobre ele uma leitura, avaliação, descrição, interpretação. Você também pode fazer uma história de um corpus concreto, etc. A crítica trabalha com *corpus concretos ou com objetos dados*, e implica modos de ler.

A teoria não se identifica com a crítica; a teoria se coloca, como se diz, um degrau mais acima ou mais abaixo, não há nenhum tipo de hierarquia de valor nisso. A teoria lê a crítica, faz uma crítica da crítica, do modo de ler, vê o que o crítico lê, que conceito da literatura está por trás ou por baixo do que ele lê, qual conceito do significado, do sentido, etc. Ou seja, há uma diferença entre crítica e teoria.

Qualquer atividade crítica, ou seja, qualquer atividade de análise concreta de corpus dados implica modos determinados de ler. Geralmente, a crítica é dividida no que seria *crítica universitária* ou *acadêmica*, que é a crítica que trabalha com estudos mais ou menos específicos, e a *crítica jornalística*, que é a crítica que resenha, que valoriza, que de certo modo brinca com o que é bom e o que é mau. Vocês vão ter uma aula especial da parte de um membro da equipe, que é jornalista cultural, que vai falar dos modos de ler da crítica jornalística.

Quando digo "modos de ler" quero dizer *códigos de leitura*, isto é, como a crítica jornalística lê a literatura? Ou, pelo menos, se houver na Argentina, no interior do que for considerada crítica cultural, crítica jornalística que se refere à literatura: se em nossa cultura existe muitas correntes, se houver uma só, em que se baseiam, que conceito da literatura têm, com qual sistema de valores lidam, etc. Ou seja, quais são todos os protocolos de leitura, os modos de funcionamento da crítica jornalística neste momento. De modo que à teoria literária também lhe compete pensar, ou fazer uma crítica da crítica jornalística, que é muito importante no interior de uma cultura, às vezes mais do que a crítica universitária que geralmente circula apenas em forma de monografias ou em forma de estudos não publicados em que os universitários leem uns aos outros e nada mais. A crítica jornalística tem uma importância crucial porque para nós, como teóricos da literatura e da luta cultural da qual conversávamos, a universidade é só um lugar e achamos que os confrontos são na cultura em seu conjunto.

O que é um *modo de ler*? Essa expressão vindo sendo tomada seguindo o livro de Berger, *Modos de ver*. É um livro de um crítico de arte, de pintura, e também escritor, tem romances, obras de crítica e de teoria literária, obras de crítica pictórica, televisiva, etc. e também trabalha com uma equipe. *Modos de ver* é um livro feito em equipe. Neste sentido nos inspiramos diretamente em John Berger e tratamos de seguir seu modo de trabalho e sua tradição para inventar este termo que é *Modos de ler*.

Quando vocês se depararem com uma crítica, mesmo que não seja escrita, como uma discussão, mesmo que seja no corredor, sobre "o que você achou de tal romance, de tal filme", em seguida podem analisar um modo de ler, há modos de ler específicos. Para construir estes modos de ler há que fazer duas perguntas, cada uma delas desdobrada. A primeira pergunta: O que se lê? Quem lê para alguém? Vocês sabem que a literatura, da mesma maneira que a pintura e o cinema, é como uma cortina, como um teste projetivo, ou seja, você pode ver qualquer coisa. Na literatura você pode ver o que desejar. Duas perguntas sobre *o que se lê* e duas perguntas sobre *de onde se lê*. Se puderem fazer um esquema respondendo a esta pergunta "onde?", ao mesmo tempo desdobrada, poderão caracterizar um modo de ler. O que está sendo lido, o que pode ser lido na literatura? Lembrem-se de tudo que já leram sobre literatura, de tudo que ao longo do curso ou fora dele lhes disseram de literatura. Pensem *o que se lê* em um sentido absolutamente material do texto, isto é, o que existe no texto ou o que existe no corpus — insisto que para nós a categoria texto não é única —. A linguagem é lida, há palavras, personagens, situações, relatos, descrições, figuras de estilo, metáforas, toda a tropologia, espaços, tempos, lugares, movimentos, deslocamentos, há "vida interior" com distância paródica, há valores de verdade, discussões, etc. Há um princípio, um final, capas e contracapas dos textos; tem gente que lê as contracapas e julga poder falar de literatura a partir somente dessa leitura. Ou seja, em textos ou em corpus literários trata-se de um espaço material, de objetos e lugares.

Vocês têm que se perguntar qual parte aquele que está lendo viu, porque vocês têm que imaginar que estão lendo um crítico ou escutando alguém opinando sobre literatura, ou estão lendo um teórico. Poderíamos dizer: de onde ele tirou aquele discurso para construir seus discursos sobre literatura? Tirou da língua, das metáforas, dos desvios, do significado, do significante, da sintaxe, dos personagens, das relações sociais que existe entre

os personagens, do mundo? Ou tira do que ele conta, do que ele diz, ou da relação com a realidade, da relação com a história? Isto é, o que leem aqueles que leem? Que assunto leem aqueles que leem?

Então à pergunta *o que se lê?* correspondem *objetos, materiais, áreas*. Não é possível ler coisas que não estão, ou seja, o que se lê está sempre sujeito à pergunta: E isso está ou não está? Ou o coloca aquele que lê? Porque talvez aquele que lê invente algo. Que naquele texto exista, por exemplo, um tipo de relação social dos personagens que outros não veem. Poderíamos dizer que essa matéria se agarra a elementos materiais, mas que o elemento material absoluto na literatura é a linguagem. Tudo o que muitas vezes transcende a linguagem, às vezes tem um caráter alucinatório, ou para continuar com a metáfora, tem um caráter de objeto de desejo. Lemos o que queremos, vemos o que procuramos, na literatura encontramos o que procuramos, é um axioma.

O outro "*o que se lê?*" é "*que sentido se lê?*", ou seja, qual interpretação é dada ao que foi visto. Por exemplo, leio a linguagem e digo que o sentido que tem o trabalho verbal e o uso específico que tal corpus faz da linguagem mostra um modo de manifestação da verdade que está encoberto, em geral, pelos usos ordinários, pragmáticos, científicos e teóricos da linguagem; que naquele texto ou naquele corpus, no conjunto da literatura, a linguagem poética nos leva a ver um sentido, um significado, que pode ser metafísico, que não está em nenhuma parte. Outra possibilidade é que em um relato concreto eu possa ler uma foto da realidade argentina do momento em que aquele relato foi escrito. Leio em um romance como é contado, que intriga existe, como a ação é dosada, as sequências, as situações narrativas, os personagens, suas relações, o tipo de sistema narrativo geral, etc. Tudo que leio tem o seguinte sentido: é um reflexo ou uma representação da violência ou das relações sociais naquele determinado momento. Dei uma interpretação, li algo material, mas também estou lendo sentidos, significados.

O que se lê ► objetos, materiais, áreas
 ► sentido, interpretação, significado

Posso ou não atribuir sentido. Posso dizer: "Leio um corpus, tal objeto, tal assunto, mas me abstenho de atribuir-lhe sentido", este é um modo de ler. Outro modo de ler seria percorrer a quantidade esmagadora de teorias do sentido, mais tarde veremos algumas delas. Suponha que eu queira dar a isso um significado mítico e digo: "Este relato, na verdade, o mito está me narrando tal e qual está na cultura tal, porque está trabalhando com um inconsciente coletivo, etc. Esse relato está me contando, na verdade, o que me conta outro texto com o qual mantém uma relação paródica, etc". Quer dizer, posso tratá-lo da maneira que quiser, e o tratamento semântico, ou seja, o sentido que dou a ele, vai caracterizar meu modo de ler.

Para sintetizar, o que escolho — que objeto, que assunto, que nível — e que sentido dou a isso — social, político, econômico, estético, científico, mítico, psicanalítico, filosófico, etc.—. Primeira caracterização de um modo de ler.

Segundo ponto: *De onde se lê?* — obviamente o primeiro e o segundo estão inter-relacionados —. Quer dizer, no caso concreto da crítica, que lugar

real, imaginário, fantasiado ou desejado ocupa o crítico ou aquele que lê na sociedade.

Há muitos conceitos sobre o que é o crítico, qual é sua função, o que precisa fazer. Há críticos que são juizes, que decidem o que é boa literatura, o que é má literatura, o que é "alta" literatura, o que é literatura popular ou "baixa", quem é o melhor em um concurso, quem é o pior, se aquilo vale a pena publicar ou não, etc. Ou seja, o crítico como juiz, como elemento de consagração, como elemento de decisão do que é bom ou ruim. É claro que, segundo qual conceito tenha da literatura, decidirá se uma obra é boa ou ruim, se vale a pena traduzi-la ou não, etc.

A segunda função do crítico é o crítico como intérprete, como os intérpretes dos oráculos, como se a literatura fosse um oráculo, algo hermético, obscuro, indecifrável, e o crítico tivesse que explicar para uma massa de leitores, ou para outros críticos, qual o sentido daquilo — “*O que isso quer dizer?*”—, é outra função do crítico. O que quer dizer literatura, ou aquele texto, ou aquele corpus, etc., porque talvez em uma sociedade haja hesitação sobre o que as coisas querem dizer. Se há hesitação sobre que sentido dar-lhes, o desconhecimento de como podem manipular o corpus no sentido do fato interpretativo, a função do crítico seria dizer: “Olhem só, isso deve ser lido assim ou assado, no entanto deve ser interpretado assim ou assado”.

Ser intérprete não é o mesmo que ser juiz; o lugar que o crítico ocupa é totalmente diferente. *O crítico como juiz* está dentro do grupo de escritores, le escolhe e apresenta ao conjunto da sociedade ou aos leitores quais seriam os melhores ou as melhores correntes, etc. *O crítico como intérprete* deixa de lado os escritores e se coloca como mediador entre um corpus considerado difícil, hermético e/ou problemático e dá a ele SUA interpretação para divulgá-lo.

Outro posicionamento seria *o crítico como leitor privilegiado*, ou seja, o crítico como um leitor que estudou para ser leitor, que poderia ser um pouco o sentido de nossa formação, estudar não só para escrever — algo que está esquecido na faculdade, mas nós vamos reeditar, mas também estudar para ser leitor. Ser leitor significa tudo o que estou dizendo: o lugar que vocês, por sua vontade, escolherem e o lugar de que mais gostarem. O crítico seria um leitor preparado, o "melhor" leitor, o leitor que lê, ou seja, que tem um fundamento para poder escrever sua leitura. O crítico seria aquele leitor que escreve sua leitura. Portanto, está situado entre o escritor e os leitores que não escrevem SUA leitura, mas simplesmente a transmitem oralmente, ou a guardam para si. É aquele que publica uma leitura e, portanto, desencadeia na sociedade o que se pode chamar de escrita das leituras e, portanto, debates, guerra, etc.

Tem também *o crítico como professor universitário*, que seria aquele que também escolhe determinados textos para ensinar ou não. Lembrem-se do que dizia Barthes quando lhe perguntavam o que era literatura: literatura é o que se ensina, é o que aparece como literatura. Em nossa sociedade também tem o *crítico como importador*, aquele que traz determinadas ideias, determinados corpos teóricos ou modelos, os difunde em nossa cultura, os modifica ou não, tenta transferir certos esquemas. Ou seja, vocês podem inventar as funções do crítico que quiserem; o crítico pode se localizar em qualquer lugar ou em qualquer resquício da área da leitura, da interpretação, da mediação, da explicação, da canalização, da legitimação, etc.

Quando lerem um texto crítico — se estiverem bem atentos, ou seja, depois deste seminário —, poderão saber, ainda que quem escreve não diga, que função ele atribui a si mesmo; poderão descobrir, pela lógica daquele texto crítico, de que lugar está lendo. Isso pode ter a ver com os lugares reais que os críticos ocupam. Os críticos podem ser professores, funcionários de editoras, podem ser jurados de concursos, etc., mas isso não tem a ver necessariamente com o lugar real, mas com o lugar ou o conceito do crítico que surge deste próprio texto que estamos lendo. Por exemplo, um crítico pode ser um juiz, mas ao mesmo tempo sua vontade — e isto é possível ver em sua escrita — pode ser [transformar-se em] decifrador, intérprete, etc. Por outro lado, todas essas funções podem juntar-se, entrelaçar-se, convergir, e inclusive, dentro de um texto, mudar de curso. Na escrita literária pode haver homogeneidade, mas também uma grande heterogeneidade, uma quantidade de rupturas, um baile de posicionamentos, uma ginástica pela qual o sujeito da escrita ocupe constantemente lugares diferentes.

De modo que esse crítico que estamos inventando para ler o modo de ler pode ocupar um lugar ou outro, pode ler em um momento a língua, em outro momento os personagens, dar-lhe um sentido a um ou outro. Se quiserem descobrir este modo terão que fazer uma análise detalhada dessas mudanças de curso, alterações, etc., e talvez encontrem uma lógica muito especial nessas alterações correlacionadas com *de onde se lê*. Tudo pode construir um sistema mais ou menos harmônico ou tenso. Então, *de onde se lê*, para sintetizar, se refere aos lugares desejados que o crítico ocuparia na sociedade.

Finalmente, *de onde se lê?* se refere ao fato de que todos nós preferimos algum tipo de literatura mais do que outra, gostamos do romance do século XIX ou da escrita experimental vanguardista, ou de poesia, romance, conto, literatura medieval, etc. e, inconscientemente isso que a gente gosta, que talvez tenha se constituído muito cedo em nossas vidas, rege nossa leitura. Lemos sempre a partir de alguma corrente, época, tipo de literatura especial, que escolhemos como própria. A partir daí lemos, interpretamos e julgamos as correntes, os outros textos, os outros elementos, épocas, histórias, etc. que lemos. Se escolhi um determinado tipo de poesia para ler como minha área onde está minha relação passional com a literatura, a partir dessa paixão vou ler o romance, o relato, etc. e vou buscar, descrever e ler de acordo com essa relação erótica que me conecta com o que escolhi como minha área onde se realiza o que penso ser a literatura.

Ninguém tem um conceito abrangente de literatura, por mais que na faculdade tentem que se desprendam dessas áreas concretas e vejam tudo. Nesta disciplina vamos reivindicar as áreas secretas, as áreas absolutamente inconfessáveis de nossa relação com a literatura.

Se houvesse uma espécie de esquema do que é e significa um modo de ler, isso também os levariam à resposta de como a literatura é usada neste modo específico de ler. Para que a literatura é usada, dado que ela ocupa um lugar mais o menos autônomo na sociedade — com isso quero dizer separado da vida prática, separado dos discursos políticos, separado dos discursos científicos, etc. —. A partir deste lugar de autonomia ou de separação que a literatura ocupa é possível dar-lhe sentidos e diferentes usos. Está claro que o crítico lê, interpreta, escolhe, avalia, etc. e logo viria o crítico do crítico, ou o teórico, para examinar, analisar aquela leitura.

De onde se lê ▶ lugar real ou imaginário do crítico
 ▶ práticas literárias

A crítica é um exercício concreto sobre objetos dados. A teoria vem perguntar sobre o modo deste exercício. A segunda diferença é entre teoria como análise dos modos de ler ou como análise dos conceitos da literatura, e teoria como diferente do conceito instrumental dos modelos; isto é, a teoria se diferencia do que poderia ser uma metodologia literária ou metodologia de análise literária. Um modelo é um esquema sobre como um texto pode ser analisado. Dedicaremos uma aula especial aos modelos para ficar bem claro qual é a diferença entre a atividade teórica e a atividade de projeção na aplicação dos modelos, que para nós é totalmente diferente.

Haveria um conceito da teoria que é a reflexão sobre os modos de ler, sobre a crítica, sobre a literatura em geral, e haveria um conceito, que vamos chamar *instrumental da teoria*, que a usa como modelo para aplicar os conhecidos esquemas de Barthes, Propp ou Genette às análises da poesia — isto é, qualquer discurso que pegarem, seja o modelo formulado no abstrato ou o modelo já aplicado a algo—. Para nós isso não é atividade teórica; consideramos que o conceito instrumental dos modelos, ou seja, o uso dos modelos para aplicar, só pode ser feito em uma etapa do ensino bem elementar para mostrar as possibilidades e limites dos modelos, e principalmente para mostrar em que conceito da literatura os modelos são fundados, pois, em geral, é muito raro encontrar em um modelo uma explicação sobre o conceito da literatura; isto é, relativo aos modelos, ao esquema de um modo de ler como qualquer outro.

Portanto, a aplicação de modelos para nós não é atividade teórica, analítica, reflexiva, científica. Para nós, a pessoa que transfere um modelo de algo onde ele aparece para outro corpus e o aplica só pode fazê-lo em um nível experimental, em nível de sala de aula, em nível de aprendizagem, para ver ou não as coisas que o modelo lhe mostra. Mas fazer disso a finalidade da crítica literária, do ensino da literatura e de sua difusão é inconcebível para nós. Uma pessoa que aplica modelos é uma pessoa que leva um objeto de um lugar a outro e isso não é reflexão nem atividade intelectual; a inteligência não é bem apreciada se condena as pessoas a copiarem modelos aqui e passá-los acolá. Por outro lado, os modelos são sempre aplicados porque foram constituídos a partir de corpus concretos, com análise, etc., para que sempre se enquadrem. Seria uma atividade de repetição que giraria como um círculo vicioso retornando o modelo a seu ponto de partida: o modelo foi tirado de um corpus de contos; então, eu pego o modelo, eu o aplico a esse corpus de contos e volto ao ponto de partida. Demonstro o que o modelo queria mostrar e ponto final. Isso não me ajuda a aprender, a pensar, a ler, a analisar, mas pode me ajudar a apreender e a enfrentar certos problemas textuais concretos.

A teoria literária se pergunta, então, pelo fundamento científico dos modelos: em que se baseiam?, como leem?, por que leem?, o que o modelo lê?, o que me deixa ver? Um modelo ou uma rede qualquer, o que chamamos de “grade”, me deixa ver certas coisas e me encobre outras. Então, o que deveríamos mostrar em um lugar onde se faz teoria literária é o que aquele modelo me mostra ou não e qual é seu fundamento científico.

A confusão entre teoria literária e modelo provém dos anos sessenta em que modelo semiológico e teoria se identificavam, ou seja, semiologia e teoria.

Nós não identificamos a teoria literária com a semiologia. No geral, os modelos nos fornecem a semiologia, mas nós vamos mais adiante ou mais atrás para ler estes modelos, para experimentá-los e para buscar seu fundamento. Uma das estratégias fundamentais de dominação da sociedade consiste em tirar dos grupos submersos a linguagem necessária para expressar sua situação; cada situação social, cada situação humana, tem um código, uma linguagem, uma filosofia que explica esta situação, que pode dar razão para ela e mostrar, ao mesmo tempo, maneiras de sair ou não em caso de algumas situações que prevalecem. A dominação textual consiste justamente em impor outros códigos ou outras linguagens para que certos grupos não tenham isso que vai explicar; negar certos códigos, negar certos aparatos interpretativos. Com os modelos acontece a mesma coisa; os modelos nos dizem algo, nos encobrem algo, nos mostram algo que talvez na Argentina não estejamos nem um pouco interessados que nos mostrem. A partir da teoria é possível ver os limites, possibilidades, encobrimento do modelo, mas não identificar teoria e modelo.

Outro ponto é a relação entre as teorias e os conceitos da literatura. Já expliquei: 1) relações entre teoria e crítica, 2) relação entre teoria e modelo ou conceito instrumental da teoria. Agora, o que é um conceito da literatura e qual a relação da teoria com este conceito? Os conceitos da literatura são, em geral, um sistema que às vezes não aparece articulado nem escrito em nenhum lugar; podemos chamá-lo de um sistema de crenças que pode ser derivado de um sistema filosófico antigo, mas que perdeu sua base, se vulgarizou ou naturalizou-se, ou seja, foi incorporado ao pensamento de alguém achando que era normal, natural, etc. São ideias, crenças sobre o que é literatura, como deve ser lida, que função ela cumpre na sociedade, o que me transmite, etc.

Sugiro que façam uma espécie de autoavaliação e vejam o que pensam da literatura, que conceito têm. Essas conceitos são assimilados desde a infância, na escola, no ensino médio, na universidade, em toda a vida social, no que vocês leem sobre literatura, etc. Os conceitos da literatura nunca são individuais, sempre são coletivos, isso é muito importante. As pessoas acreditam ter "sua" ideia" do que é a literatura e isso é absolutamente falso; talvez haja vinte mil pessoas que acreditem ter "sua" ideia" e acontece que essa ideia, ou seja, os conceitos de literatura, são poucos. Inclusive uma possível pesquisa da monografia deste seminário poderia ser analisar quais conceitos da literatura como conjunto de crenças se movem nesta sociedade, no discurso jornalístico, no discurso universitário, no ensino, etc.

Segundo ponto, almejam validade universal. Eles não atribuem a si mesmos a função de uma perspectiva, mas aparecem como "a" única perspectiva: "meu conceito é esse", "seu conceito é esse". Os dois pretendem ser os únicos e os dois são sociais, difundidos, etc. Às vezes, se baseiam em um posicionamento filosófico, científico, político ou, às vezes, em um conglomerado de posicionamentos ou restos ideológicos para se constituírem. O importante é que definem o que é a literatura e que função ela cumpre na sociedade.

Esses conceitos desenvolvem códigos estéticos, ou seja, um critério pelo qual dizem o que é bom e ruim, ou seja, o que é literária e o que não é literatura. Além de "seu" conceito da literatura, dizem: "Isso não serve, então cai fora da literatura". Portanto, são geralmente normativos e aparecem ditando fronteiras.

O último elemento é que, em geral, tais conceitos que acreditam ser únicos e individuais entrem em contradição com outros, diante dos quais discutem para estabelecer as normas da instituição literária. A *instituição literária* é aquele conjunto de textos, obras, gêneros, autores, editoras, crítica, jornalismo, prêmios literários, universidades, academias, ou seja, o conjunto mais ou menos estruturado de tudo que se refere ao discurso da literatura e sobre a literatura. É o que funciona como aparatos de legitimação que definem o que é literatura, mas também o conjunto da literatura: isso é a instituição literária em seu conjunto.

Esses conceitos da literatura pretendem impor-se às normas da instituição; então aspiram a decidir que livros serão ou não editados, que autores serão estudados na universidade, que tipo de literatura deve ser traduzido, difundido, aplaudido e, portanto, também produzido. Se alguém diz: “Essa é a melhor literatura”, em seguida faz com que essa literatura seja produzida em um jogo dialético entre normas e produção. De certo modo, a instituição rege tudo o que for aparatos de produção, distribuição, leitura, canonização e legitimação da literatura. Esses conceitos são confrontados para reger a instituição. Geralmente, quando há um conceito dominante em uma instituição sempre haverá outras disputando este lugar, tentando estabelecer contra-normas, enfrentando aquela instituição, etc., promovendo o jogo de debates e polêmicas que é a própria cultura. Esses aparatos estão regidos por ideias que são os conceitos da literatura.

Vou dar um ou dois exemplos do que postularia um conceito da literatura que a gente chama também de *ideologia na literatura*. Para nós o conceito da literatura é também uma ideologia da literatura; ou seja, o que é a literatura, que função social tem, como se lê, o que é a obra, etc., é uma ideologia determinada que entra em jogo e contradição com outras ideologias. Por exemplo, no século XVIII, no início do Romantismo e principalmente a partir da obra de Kant, muito nitidamente apareceu um conceito da literatura que para alguns hoje ainda é vigente. Este conceito postula que a literatura é a expressão dos sentimentos do autor e a transmissão deles ao leitor. Ou, em geral, a literatura aparece como expressão da vida íntima, se não queremos falar apenas de sentimentos. Correlativamente a esse conceito, a leitura aparece como contemplação e fusão; a leitura me funde enfaticamente com a obra e, portanto, com o autor. Como a obra é o lugar onde está materializado este sentimento, me fundo com o escritor, com o autor, através da leitura à qual considero fundamentalmente como contemplação. O artista, o escritor, aparece como criador, isto é, como gênio inspirado. O fundamental para esse conceito é a *inspiração do escritor*: o escritor se eleva espiritualmente, se inspira, materializa seus pensamentos, etc. A obra é uma totalidade orgânica, isso quer dizer que todas suas partes se encaixam no todo, e o todo encaixa nas partes, constituindo um universo absolutamente harmônico.

A esta conceito cujo autor é criador, cuja obra é uma totalidade orgânica e na qual ao leitor lhe cabe a função de contemplação, é o que chamamos hoje de um *substituto funcional da religião*. Perdido o lugar dominante da religião na vida social, ou autonomizada a literatura da religião, os elementos que constituíam o universo fundamental da religião são colocados na literatura: um Criador, um Mundo, que neste caso é a obra, e aquele que contempla e se funde misticamente com o criador através desta mensagem que ele lhe enviou. Esse conceito se assemelha demais à contemplação e conceito religioso, por

isso foi chamado de substituto funcional. Este é um conceito da literatura. Um dos trabalhos que farão é uma espécie de exercício sobre conceitos da literatura. Outros conceitos postulam que a literatura tem finalidades morais e políticas, portanto a leitura é fundamentalmente educação, conhecimento, melhoria do sujeito e não mais fusão afetiva e mística: que a obra não é uma totalidade orgânica porque o homem não pode criar esses organismos absolutamente perfeitos, mas um objeto cheio de fragmentos, descontinuidades, rupturas, que pode ser lido como um todo, mas também em partes; que o autor não é um criador, senão um trabalhador, um produtor, como qualquer outro; que seu lugar na sociedade é mais o de um artesão que trabalha um produto e o vende à indústria do livro; que a leitura é construção de sentido, ou é um trabalho, não uma pura contemplação nem pura fusão espiritual, etc.

Há uma quantidade de elementos que constituem os pontos centrais do que seja um conceito da literatura. A obra pode chamar-se reflexo, exibição, denúncia da realidade, jogo, erotismo, constituição de um mundo inédito, transgressão de normas sem represálias, etc.

Os conceitos da literatura são históricos; em uma sociedade convivem muitos deles. Talvez vocês tenham que fazer uma pesquisa sobre quais são os que convivem. A teoria se encarrega de examinar, analisar, mostrar os fundamentos desses conceitos da literatura. A teoria em si não é um conceito da literatura senão a análise dos conceitos da literatura, do momento em que surgiram, em que se baseiam, o que implicam; o que implicam porque a leitura também é histórica, foi mudando com o tempo.

Há muitos modos de ler não só nesse sentido, mas também modos de ler como estar ou não sentado, ler no ônibus, no metrô, nas viagens, etc. e isso tem a ver também com conceitos da literatura. Então a teoria vem examinar esses conceitos da literatura e não se identifica com elas.

Amanhã vamos ver qual é a correlação entre a teoria literária e as "teorias" literárias, que será a última relação diferencial que iremos estabelecer.

Aluna: A abordagem é feita a partir da neutralidade?

Professora: Não existe lugar neutro. Falei no começo que não há neutralidade, que os conceitos vão mudando, que serão analisados como variáveis, como em desacordo, que consideremos o campo cultural como um campo de batalha para impor as normas da instituição. Pensamos que os discursos sobre a literatura são discursos interesseiros e que a literatura é interesseira no duplo sentido da palavra "interesse", ou seja, que eu lhe extraio um interesse e também me interessa para algo. Esse é nosso lugar da teoria.

Aluna: A teoria tem a ver com uma epistemologia da literatura? Seus modelos se esgotam quando aplicados?

Professora: Os modelos não se esgotam quando aplicados para nós, que estamos na teoria, os modelos são examinados em suas possibilidades, em seus limites, no que mostram, no que não mostram, em que estado específico da ciência se baseiam. Geralmente, os modelos são semiológicos ou linguísticos; então, dizemos em qual corrente linguística tal modelo se constitui, em que conceito da literatura se constitui esse modelo constituído ao mesmo tempo na linguística, etc. A aplicação é o de menos na teoria. A aplicação é um aprendizado de laboratório para os estudantes de Letras que

não necessariamente é dado na disciplina de Teoria Literária. O que temos que ver em Teoria Literária é o que acontece com esses modelos como corpos de ideias sobre a literatura.